



A ERA tecnológica da Biblioteconomia. Correio Popular, Campinas, 11 jan. 1974.

## A Era Tecnológica da Biblioteconomia

“Tirar o pó dos livros e arrumá-los nas estantes”: a tarefa do bibliotecário parece ter sempre se reduzido a estas duas operações. Na verdade, “uma visão errônea cultivada pelo grande público, que se explicava pela existência de leigos, pelo menos até há dez anos atrás, no trabalho da biblioteca”. Para a professora Maria Antonia Ribas Pinke Belfort de Mattos, diretora da Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, até certo ponto a concepção ainda se justifica porque as pessoas autodenominadas “bibliotecárias”, sem o conhecimento essencial da profissão, continuam a atuar nas bibliotecas, embora a Lei Federal n.º 4084, de 30 de junho de 1972, tenha estabelecido que o exercício dessas atividades cabe privativamente ao bacharel em Biblioteconomia.

Esta situação persiste principalmente nos estabelecimentos mantidos por instituições (ou pelos poderes públicos) que não se conscientizaram da necessidade de modernizá-los (tornando mais séria sua função informativa e de prestação de serviços) ou que não possuem verbas para tanto, e contribui para pintar uma imagem que não corresponde inteira e fielmente à realidade, conforme a professora.

“O verdadeiro bibliotecário, aquele formado em curso superior — acentua ela — executa, obviamente, um trabalho mais complexo do que a simples limpeza de estantes: ele elabora as bibliografias, os índices e as sinopses, orienta os leitores e, principalmente, auxilia o desenvolvimento da pesquisa científica”.

Socialmente e culturalmente, a função do bacharel em Biblioteconomia “é de alto valor”, ou mesmo de vital importância, uma vez que cabe a ele a preservação da totalidade das conquistas culturais (“culturais” no sentido mais amplo da palavra), tarefa de construir os edifícios da Cultura”.

“Toda e qualquer informação interessa ao bibliotecário — diz a professora Maria Antonia. Ele reduz o mundo em informações, armazenando-as, classificando-as, fornecendo-as para estudos posteriores; realiza, enfim, um trabalho onde são empregados todos os recursos da Técnica e da Tecnologia, inclusive computadores”.

### OS CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO

O bibliotecário “técnico-intelectual” que utiliza cerebros eletrônicos para a manipulação da informação é relativamente recente, surgiu como um produto — no campo social — do desenvolvimento tecnológico, de acordo com a educadora.

A hegemonia da Tecnologia condicionou, na realidade, uma transformação maior no setor da Biblioteconomia, criando os chamados Centros de Documentação, nos quais a biblioteca é uma simples unidade (aquela que se encarrega de armazenar as informações). Um Centro de Documentação é composto também de um Serviço de Fotodocumentação, de um Catálogo Coletivo (onde são reunidos os dados sobre entidades e personalidades) e de um Serviço de Tradução.

No âmbito internacional, um conhecido Centro de Documentação é a UNISIST, da UNESCO em dimensão nacional, o SNICT. A maioria das cidades brasileiras possui, de certa forma, centros de documentação. Em geral, no entanto, eles não constituem organismos integrados, dinâmicos: a unidade “biblioteca” continua dissociada da unidade “Catálogo coletivo”, o serviço de tradução não estabelece vínculos com o serviço de fotodocumentação.

O fato se deve a vários fatores, entre eles a insuficiência de verbas e o desconhecimento dessa nova realidade no campo da Biblioteconomia. Mas a necessidade da criação de centros de documentação “vivos”, englobando bibliotecas e arquivos, é clara, afirma Maria Antonia Belfort de Mattos. Empresas que dependem extremamente da informação já despertaram para essa situação, “como a Editora Abril, que atingiu um estágio avançado nesse sentido, constituindo um dos mais aperfeiçoados centros de documentação do país”.

### TRANSAMAZÔNICA E MAGISTÉRIO

Se atualmente, no sistema de “bibliotecas estáticas”, o bibliotecário exerce uma função de “alto valor social”, nos próximos anos com a implantação de “centros de documentação dinâmicos”, tornar-se-á mais necessário ainda à sociedade. Passará, por exemplo, a atuar nos jornais e órgãos de imprensa em geral, no comércio e na indústria — o que já ocorre, mas em pequena escala.

Dois outros fatos possibilitarão uma acentuada expansão do mercado de trabalho no país, hoje “bastante aberto”: a introdução de uma rede de bibliotecas na área da Transamazônica (que o Governo vem executando há seis

meses, através de um amplo programa cultural, tendo iniciado já o recrutamento de pessoal especializado) e a criação dos cursos de Biblioteconomia em nível de 2.º grau.

Com a concretização dessa segunda medida serão formados os técnicos em Biblioteconomia e (ou) os auxiliares de bibliotecários. A comissão da Secretaria da Educação de S. Paulo que cuida da aplicação, no Estado, da Lei Federal que instituiu o ensino dessa especialidade nas escolas secundárias, não se decidiu ainda quanto à duração do curso, ao currículo e outros pontos relativos à questão. Maria Belfort de Mattos — que faz parte da comissão — acredita porém que “tudo será resolvido ainda neste ano”.

O magistério passa, assim, a ser a nova área de trabalho do bibliotecário e a PUCC — que, como as outras universidades, só vinha proporcionando o bacharelado — oferecerá também, ainda a partir deste ano, a Licenciatura em Biblioteconomia. Após obter o título de bacharel, o bibliotecário frequentará apenas um curso de extensão universitária (seis meses), constituído unicamente de matérias pedagógicas, que o habilitará a lecionar no 2.º grau.

### BIBLIOTECA PÚBLICA,

#### “FILHA” DA FACULDADE

Fundada em 1945, a Faculdade de Biblioteconomia da PUCC é, cronologicamente, a quarta do país e a nona da América Latina. Seus primeiros alunos foram responsáveis já em 1946, pela criação e organização da nossa Biblioteca Pública Municipal, que, por isso, recebeu o nome de um dos professores do curso — Ernesto Manoel Zink.

Em 1973, 138 estudantes frequentaram o curso, no prédio central. A procura neste ano foi grande, proporcionalmente: 45 candidatos concorreram no último domingo às suas 30 vagas. Os classificados, estudaram durante três anos, um currículo dividido em disciplinas culturais e profissionais.

As disciplinas culturais: Evolução do Pensamento e Científico, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, História da Arte, História da Literatura, Cultura Religiosa, Estudos de Problemas Brasileiros, Educação Física.

As matérias profissionais: Organização e Administração de Bibliotecas, Classificação, Catalogação, História do Livro e das Bibliotecas, Bi

bliografia, Documentação, Referência, Processamento de Dados e Ética Profissional.

Após esses três anos regulares (ou mesmo durante esse período) os alunos realizam um estágio obrigatório na biblioteca-experimental da universidade (instalada também no prédio central) ou em outras bibliotecas da cidade.



Para a professora Maria Antonia Belfort de Mattos, uma era de tecnologia se abre para a Biblioteconomia com a formação de "centros de documentação vivos", englobando bibliotecas, arquivos e outras unidades de informação menos dinâmicas